

Bradesco entra no mercado

Nilton Horita

SÃO PAULO — O processo de conversão de dívida em investimento de risco trouxe, além dos próprios recursos, uma boa dose de exemplos bem sucedidos de iniciativas empresariais. Tanto que até o habitualmente conservador Bradesco, a maior instituição financeira do país, aderiu ao processo e começou este mês a realizar operações de conversão informal da dívida. Mas o exemplo mais clássico, que apresentou o modelo de conversão ideal - troca da dívida brasileira em seu poder para realizar investimento de risco no país — foi o quarto maior credor americano, o Manufacturers Hannover.

Este banco americano possuía no Brasil, além de títulos da dívida da ordem de US\$ 1,5 bilhão, uma empresa de leasing. O Manufacturers Hannover participa hoje de um grandioso projeto de celulose com a Companhia Suzano de Papel e Celulose e a Companhia Vale do Rio Doce. Na Bahia, é sócio de um banco de investimento com o ex-ministro do Planejamento João Sayad e, de quebra, mantém investimentos na empresa de petroquímica Nitrocolor. Tudo isso graças à conversão.

“As perspectivas são excelentes”, afirma o presidente do Manufacturers Hannover, Gilberto Prado. A instituição foi a primeira a trocar seus próprios títulos por investimento e é hoje o maior

entre os bancos credores no ranking de investimentos por conversão, via leilões, a título próprio, com um total de US\$ 125 milhões, somando-se todos os empreendimentos.

Consistência — O que traz mais alegrias ao Manufacturers é a consistência e estabilidade do processo brasileiro de conversão. “O programa tem sido tão cristalino e estável que se pode até planejar investimentos”, garante Prado. Para ele, num país com seríssimos problemas é realmente notável que os benefícios da conversão superem os problemas, como o impacto sobre a base monetária.

“O ideal, por essa razão, seria que não houvesse mudanças no programa”, afirma Prado. “Se tivéssemos de mudar alguma coisa, a fim de contribuirmos para o pacto social, seriam as liberações. Hoje o desembolso pelo BC é imediato, mas poderia levar novamente mais dias, até 180, se o projeto permitir”, prossegue. Para ele, o que não se pode fazer é mudar a essência do processo.

Como mudança substancial pode-se entender a redução do volume de recursos levados aos leilões mensais ou a pura suspensão dos leilões. Diminuir os recursos ou a frequência dos leilões, não resultará em ganhos, no entender de Prado. O Manufacturers não quer parar nos US\$ 125 milhões convertidos para investimento próprio. “Estamos analisando outros projetos. Arrematamos US\$ 100 milhões para o projeto de celu-

lose em quatro leilões consecutivos e isso só foi possível porque o programa é estável”, lembra Prado.

Bradesco — Sem a mesma ousadia do Manufacturers, mas com grande expectativa, o Bradesco acaba de chegar ao mercado. O gigante financeiro brasileiro está realizando operações de conversão informal o que não é pouco para uma instituição de cultura tão arraigada no varejo. “Começamos a operar no mercado e acho que não deveríamos mudar nada no processo”, afirma o diretor de Relações com o Mercado Alcides Tápias. “Além disso, já aprovamos o primeiro projeto de conversão via leilão na Bolsa de Belo Horizonte”.

☐ Oficialmente, o processo de conversão de dívida em investimento de risco representou uma redução de US\$ 5,2 bilhões na dívida brasileira de US\$ 115 bilhões, sendo que a chamada operação de conversão pela via informal significou a maior fatia, com US\$ 2,160 bilhões. Em seguida, os projetos aprovados pela via formal dos leilões realizados nas Bolsas de Valores respondem pela expressiva quantia de US\$ 1,474 bilhão. As estimativas do BC são modestas no entender do mercado que contabiliza que os processos de conversão informal chegaram a um total de US\$ 5 bilhões.